

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DANIELE DE ANDRADE FELIPE

A INFLUÊNCIA DO SEXISMO NA PRÁTICA DE FUTSAL: O FUTSAL FEMININO
NO AMBIENTE ESCOLAR

RECIFE

2020

DANIELE DE ANDRADE FELIPE

A INFLUÊNCIA DO SEXISMO NA PRÁTICA DE FUTSAL: O FUTSAL FEMININO
NO AMBIENTE ESCOLAR

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação Física. Orientadora pela Profª Drª Rosângela Cely Branco Lindoso.

RECIFE

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Suely Manzi – CRB-4 809

F313i

Felipe, Daniele de Andrade.

A influência do sexismo na prática de futsal : o futsal feminino no ambiente escolar / Daniele de Andrade Felipe. – Recife, 2020.
52 f.; il.

Orientador(a): Rosângela Cely Branco Lindoso.

Co-orientador(a): Andréa Carla Paiva.

Co-orientador(a): Ana Flávia Araújo Pinho.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Física, Recife, BR-PE, 2025.

Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).

1. Educação física. 2. Futsal. 3. Sexismo. 4. Percepção social 5. Preconceitos. I. Lindoso, Rosângela Cely Branco, orient. II. Paiva, Andréa Carla, coorient. III. Pinho, Ana Flávia Araújo, coorient. IV. Título

CDD 530

A INFLUÊNCIA DO SEXISMO NA PRÁTICA DE FUTSAL: O FUTSAL FEMININO NO
AMBIENTE ESCOLAR

Banca examinadora

Profª Drª Rosângela Cely Branco Lindoso
Orientadora

Profª Drª Andréa Carla de Paiva
Examinadora

Ana Flávia Araújo Pinho
Examinadora

RECIFE

2020

A minha mãe, esposa, parentes e amigos.

AGRADECIMENTOS

“Agradeço a Deus que sempre direcionou minha vida e fez coisas incríveis por mim, por isso, dedico esse trabalho a ele”.

Aos meus pais, José Cosme e Rita de Andrade “In Memoriam” que foram a minha base, agradeço o amor, apoio e educação.

Aos meus irmãos, parentes, amigos e colegas de classe, que de alguma forma contribuíram para minha formação e crescimento.

À minha esposa, Camila Dias da Silva, pela ajuda e pelo grande apoio nessa caminhada, sempre me motivando e incentivando a fazer o meu melhor.

À minha orientadora, Professora Rosângela Cely Branco Lindoso, por aceitar o desafio de me orientar nesse trabalho sempre atenciosa e prestativa para ensinar e orientar.

Agradeço em especial aos professores (as), Flávio Dantas, Ricardo Lima, Andreia Paiva e Sergio Cahú.

Agradeço também aos gestores e alunos da Escola de Referência em Ensino Médio Padre Machado e do colégio Damas pela ajuda na realização deste trabalho, em especial a Professora Rosene Silva e ao professor Aluísio Moraes, pela contribuição e disponibilidade em ajudar.

Agradeço aos meus colegas de turma que cumpriram todos os ESO obrigatórios do início até o final e ajudaram nessa pesquisa, Anderson Barbosa, Juliane Santos e Maria Lucia, “ninguém solta à mão de ninguém”.

Aos meus grandes amigos Erb Santos e Evandro Santos que sempre se dispuseram a me ajudar e tem grande contribuição nessa etapa que concluo.

A todos os professores, técnicos administrativos e servidores do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFRPE, pela grande contribuição na minha formação em especial a Elis Gusmão sempre receptiva e atenciosa desde o meu ingresso até a finalização do curso, grata de coração.

A todas as pessoas do curso que tive a honra e a oportunidade de conhecer, que me ajudaram durante essa caminhada, que me fizeram evoluir como pessoa, levarei o carinho e a amizade de todos comigo.

“Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém.”

Bíblia Sagrada, Romanos 11:36

A INFLUÊNCIA DO SEXISMO NA PRÁTICA DE FUTSAL: O FUTSAL FEMININO NO AMBIENTE ESCOLAR

RESUMO

A Educação Física é uma unidade curricular que ajuda a refletir sobre várias questões entre elas o sexismo, ainda é um pouco escassa as pesquisas que tratam especialmente as relações de gênero e a discriminação nas práticas esportivas. Situações de discriminação, preconceito, desigualdade e estereotipia são notórias na prática do futsal feminino. Frente a importância do conhecimento das diferenças existentes nos esportes e a inserção das mulheres nesse cenário, este trabalho teve como objetivo analisar as compreensões de gênero, sexismo e discriminação em meninas que praticam futsal identificando se o preconceito existente para essa prática e se isso influencia ou não a participação delas nessa atividade. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, o trabalho se valeu de livros, periódicos, revistas e sites da internet. Utilizou-se, também, uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva, os dados foram adquiridos por um questionário com dez perguntas realizadas a 115 alunas que participam das aulas de educação física em uma escola pública e uma escola privada da cidade de Recife. As alunas possuem prévias aproximações com a noção das relações de gênero existentes na sociedade. No país, onde o esporte é uma identidade nacional, o sexo feminino ainda não possui evidência, sendo mais um lugar a ser conquistado pelas mulheres. A ocupação desse lugar, por conseguinte, promoverá mais respeito e reduzirá a discriminação. Existe muito o que se debater acerca do futsal feminino porque é um espaço que ainda precisa de mais atenção por parte dos investigadores sociais.

Palavras-chave: Educação Física. Futsal Feminino. Sexismo.

ABSTRACT

Physical Education is a curricular unit that helps to reflect on various issues, including sexism, research that deals especially with gender relations and discrimination in sports practices is still a little scarce. Situations of discrimination, prejudice, inequality and stereotyping are notorious in the practice of women's futsal. In view of the importance of knowing the differences that exist in sports and the insertion of women in this scenario, this study aimed to analyze the understandings of gender, sexism and discrimination in girls who practice futsal, identifying whether the existing prejudice for this practice and whether it influences or not their participation in this activity. The methodology used was bibliographic research, the work used books, periodicals, magazines and internet sites. It was also used a qualitative research, of a descriptive nature, the data were acquired through a questionnaire with ten questions asked to 115 students who participate in physical education classes in a public school and a private school in the city of Recife. The students have previous approximations with the notion of gender relations existing in society. In the country, where sport is a national identity, the female sex still has no evidence, being yet another place to be conquered by women. The occupation of that place, therefore, will promote more respect and reduce discrimination. There is a lot to debate about women's futsal because it is a space that still needs more attention from social researchers.

Keywords: Physical Education. Women's Futsal. Sexism.

Lista de Figuras

Figura 1 - Atividades sugeridas para os meninos	23
Figura 2 - Atividades sugeridas para as meninas	23

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Você já praticou futebol? Se sim, onde?	29
Gráfico 2 - Na sua escola as atividades de futebol são feitas de que forma? Você participa?	29
Gráfico 3 - Você já sofreu alguma discriminação por participar do futebol na escola?	30
Gráfico 4 - Você deixou de participar de alguma aula de futebol por conta de discriminação?	31
Gráfico 5 - Você acredita que existe preconceito com meninas que jogam futebol? Se sim, onde isso é mais perceptivo?	32
Gráfico 6 - Existe na escola incentivo por parte dos professores para que meninas pratiquem o futebol?	33
Gráfico 7 - Como os meninos se comportam quando o professor propõe atividades mistas no futebol?	34
Gráfico 8 - Algum professor já falou para você que futebol é coisa para meninos?	35
Gráfico 9 - Já sofreu com discriminação, isso te motivou a continuar ou você parou por conta desse ato?	35
Gráfico 10 - Gostaria de comentar algo que não foi abordado no questionário?	36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
1.1 OBJETIVOS	12
1.1.2 OBJETIVO GERAL	12
1.1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 OS PRIMÓRDIOS DO FUTSAL NO BRASIL	13
2.2 BARREIRAS ENCONTRADAS PELAS MULHERES NO FUTSAL	14
3. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	17
3.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA E AS RELAÇÕES DE GÊNERO.....	18
3.2 AS PERCEPÇÕES DE GÊNERO NO FUTSAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	22
4. METODOLOGIA	27
4.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	27
4.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA.....	27
4.3 INSTRUMENTOS DA COLETA.....	28
5. RESULTADO E DISCUSSÃO	29
6. CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE	44
ANEXO 1.....	45

1. INTRODUÇÃO

A realização dessa monografia é diretamente ligada a uma realização pessoal, pois desde a infância vivenciei e pratiquei o futebol, onde posso afirmar ter sido de grande importância na minha formação como pessoa e escolhas profissionais, pude nesse processo vivenciar algumas situações e gostaria de contribuir buscando identificar se essas situações permanecem nos dias atuais ou se houve diminuição, melhorias acerca das aplicabilidades na escola e da participação das meninas nessa prática.

Historicamente a prática de futebol pelas mulheres é bem reduzida comparando-a com os homens e isso se dar por diversos motivos, interesse delas pela prática, professores que delimitam e restringem esse acesso, aspectos culturais, sociais, estruturais e espaços inadequados.

A escola tem uma função crucial na formação do indivíduo e na construção de seus valores. Por meio do ensino permite novos saberes, dentre eles proporcionando a chance de experienciar e entender que há variados tipos de práticas esportivas. Entre estas práticas há o futsal, esporte abordado no presente trabalho.

O futsal surgiu no país por volta da década de 1940 devido aos problemas que os jogadores de futebol possuíam para achar um local para a partida. Nesta conjuntura, pode-se presumir que no país o futsal possui expressiva aceitação nas instituições escolares por ser mais simples de achar um lugar para o jogo e por ser jogado com uma quantidade menor de participantes (CBFS, 2020).

Na literatura é bem perceptível a falta de registro e estudos acerca do futebol feminino de forma geral e também na escola. Franzin (2002), afirma que historicamente o futebol brasileiro não dá ênfase a prática das mulheres e isso ocorre em todas as esferas de clube a escolas, onde os homens têm historicamente uma consolidação dessa prática estando sempre no foco das atenções e as meninas sempre as margens, no próprio processo histórico do futebol a presença da mulher não assume o papel protagonista, nunca como atração principal e sim sempre de forma preliminar.

Destaca-se que o futsal feminino necessitou de um tempo maior para ser jogado e aceito no país. Apenas há 37 anos que o Conselho Nacional de Desportos oficializou o esporte para o sexo feminino que, desde então, passaram a sofrer discriminações (CBFS, 2020).

Constantemente, depara-se com circunstâncias em que alguns aspectos de gênero são notórios nas aulas de Educação Física onde as propostas de aula dos educadores distinguem conforme o sexo do aluno. Para os alunos, compete como principal, o futsal. Já para as alunas, geralmente são sugeridas atividades como o voleibol e handebol. Segundo Romero (1994), a prática da Educação Física precisa ser a mesma para todos, permitindo que alunos e alunas possam ter equidade para vivenciar as mesmas atividades, porém, o que se nota na realidade são tratamentos diferenciados para meninos e meninas, intensificando a desigualdade notada na sociedade.

Segundo Soares (1990, p.240), alguns professores ainda reproduzem aquele pensamento médico-higienista onde homens e mulheres, meninas e meninos têm práticas apropriadas e as mulheres devem sempre desempenhar outras atividades acerca da família.

Segundo Freire (1992), nas aulas de educação Física nas escolas brasileiras há separação por sexo e dentro da sala de aula os alunos assistem aulas juntos, ou seja, mentes não precisam ser separadas apenas os corpos. Podemos afirmar que essa fala de Freire se torna muito atual nos dias de hoje, pois encontramos diariamente dificuldades em criar estratégias para ampliar a participação das meninas em algumas práticas corporais entre elas o futebol feminino.

As decisões que são tomadas no decorrer dos planejamentos pedagógicos influencia diretamente na participação das meninas na prática do futebol (TEIXEIRA E MOORE, 2007), citam que o preconceito na prática do futebol feminino vai desde as aulas de educação física até as competições internas e externas, onde para os meninos sempre existem mais atividades, campeonatos e para meninas não, segundo ele isso desmotiva a participação delas nessa prática.

Segundo (GOELLNER, 2001, 2005b, 2007a; VOTRE, 1996; LOURO, 1995, 2007^a, 2007b¹⁰). A educação física prendeu-se muito nos paradigmas modernos – positivismo e marxismo, e nesse sentido, não conseguiu acompanhar as discussões

sobre raça, gênero, sexualidade, diversidade, haja vista que essas questões são pouco questionadas nessas teorias.

São bem perceptíveis às mudanças históricas no âmbito da educação física, os ajustes curriculares contribuíram diretamente na ampliação do currículo, onde passamos a discutir diversas temáticas dentro da disciplina, temas como saúde, lazer, esportes radicais, terceira idade, diversidade cultural, gênero, cultura corporal e outros.

A disciplina de educação física busca tratar da cultura corporal de movimento e que tem como finalidade introduzir e integrar o aluno nessa esfera, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e também transformá-la (Brasil, 2018b). Sendo assim o professor deverá instrumentalizar esse processo proporcionado ao aluno e garantir o acesso aos jogos, esportes, dança, lutas e ginástica sendo papel da educação física formar o cidadão emancipado (Darido et al., 2011).

Louro (2007^a, p.72-73) nos lembra de que a constituição da identidade de gênero muitas vezes é feita por meios implícitos, nas aulas de educação física esse processo é, geralmente mais explícito e evidente, mesmo com várias escolas buscando trabalhar de forma integrada ainda é bem persistente a resistência, cabendo ao professor as argumentações.

O futsal e sua prática na escola vem com objetivo de mediar diversos aspectos, daí é possível analisarmos que essa prática se dar de forma globalizada independente de diferenças econômicas, políticas, culturais e sociais, que em alguns momentos integram e em outros não, cabe ao professor auxiliar nesse percurso e mostrar que existe um valor humano nessa prática e que o futebol não é apenas um jogo esportivo em busca do uso da pessoa e ao lucro, os valores de natureza ética, o ensino do futebol na escola é muito mais do que jogar apenas futebol, trata-se de um local de diálogo, construções e quebra de barreiras.

Pereira (2004) afirma que a escola em seu cotidiano, como instituição detentora das funções educacionais e de formação social, produz e reproduz ações que separam e demarcam o que é considerado socialmente como pertencente ao mundo feminino e ao mundo masculino.

Historicamente em relação às mulheres quando se trata de questões de gêneros, podemos dizer que os espaços de diálogos ainda precisam se ampliar discussões ideológicas e discriminações tendem a colocar a mulher no papel de sexo frágil.

Esse processo de autonomia diante da sociedade da mulher no esporte é bastante conturbado, é bem comum no relato das mulheres à fala de superação de dificuldades, a busca pelo espaço e afirmação buscando acabar com os estereótipos onde aos homens sempre é associada à possibilidade de sucesso e as mulheres não, dificultando assim a prática, visibilidade, fortalecendo preconceitos.

Levando em consideração as informações supracitadas, surge o seguinte questionamento de que forma acontece a inserção de alunos e alunas na prática do futsal no decorrer das aulas de Educação Física escolar?

Para responder ao questionamento foi proposto como objetivo geral analisar as compreensões de gênero, sexismo e discriminação, buscando identificar se isso ocorre no ambiente escolar e se existe prejuízo na prática do futsal na escola.

Tendo em vista o cenário atual e acreditando que a condição da mulher precisa ser fortalecida e passarmos a ocupar os espaços independente de âmbito, a intenção dessa pesquisa é abordar com mais profundidade se existe dificuldades nos caminhos percorridos pelas mulheres na prática do futsal na escola, se elas sofrem preconceito, se isso impede ou não a prática, verificar quais são as dificuldades encontradas por elas no ambiente escolar e propor soluções que possam ajudar a superar as possíveis dificuldades e desafio.

Fundamentando-se na bibliografia pesquisada, assim como nos resultados adquiridos através do questionário aplicado, procurou-se atender ao problema:

1.1 OBJETIVOS

1.1.2 OBJETIVO GERAL

- Compreender de que forma acontece a inserção de alunos e alunas na prática do futsal no decorrer das aulas de Educação Física escolar.

1.1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Relatar a história do futsal no Brasil discutindo o preconceito e as questões de gênero, apresentar a importância da escola na formação dos alunos.
- Identificar a participação do sexo feminino no futsal com enfoque no incentivo das escolas nessa prática.

O presente trabalho se justifica primeiro lugar, pela minha relação pessoal com o esporte em segundo pela necessidade de um estudo mais aprofundado sobre a influência do sexismo na prática de futsal.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Procura-se aumentar as informações e o conhecimento sobre o tema do futsal e a participação das mulheres nesta modalidade, assim como, a relevância da instituição escolar, educadores e da disciplina Educação Física no desenvolvimento deste esporte. Busca-se adquirir compreensão que desse embasamento à temática deste trabalho e seus mencionados objetivos.

2.1 OS PRIMÓRDIOS DO FUTSAL NO BRASIL

O advento do futsal possui algumas versões, a principal é a de que o então denominado futebol de salão era inicialmente jogado na Associação Cristã de Moços em São Paulo.

No início, jogavam-se com cinco, seis ou sete jogadores em cada equipe, mas logo definiram o número de cinco jogadores para cada equipe. As bolas usadas eram de serragem, crina vegetal, ou de cortiça granulada, mas apresentavam o problema de saltarem muito e frequentemente saíam da quadra de jogo, então tiveram seu tamanho diminuído e seu peso aumentado, por esse fato o futebol de salão foi chamado de "Esporte da bola Pesada" (CBFS, 2020, s.p).

Apenas em 1979, depois de uma Assembleia Geral, foi criada a Confederação Brasileira de Futebol de Salão. Em janeiro 1983, a prática do futsal pelo sexo feminino foi oficializada pelo Conselho Nacional de Desportos. Mas esta garantia somente foi autorizada pela Federação Internacional de Futsal em abril de 1983 (EQUIPE FERA FUTSAL FEMININO, 2010).

Para Franzini (2005), o futebol é uma questão fundamental para compreender a sociedade do país. A mobilização incentivada por essa modalidade esportiva determina relações sociais democratizantes conforme reúne indivíduos de variadas origens em torno de um tema sobre o qual todo mundo possui uma opinião. O futebol age na criação de uma identidade nacional que se contrasta à diferença pessoal e interfere no processo de construção corporal e cultural do homem.

A inserção da mulher nesse meio inicialmente masculino ainda é muito recente, mas ocorreu um célere e extraordinário aumento dessa modalidade entre o sexo feminino, globalmente documentada desde os anos de 1980 (FRANZINI, 2005).

Desde a autorização da prática do futsal pelas mulheres, em 1983, nota-se um progresso considerável. Na esfera nacional, além da clássica Taça Brasil de Clubes,

criou-se, pioneiramente, uma seleção brasileira do gênero, em 2001, e foi promovido em 2002 o primeiro campeonato brasileiro de seleções. Hoje no país, uma parcela dos atletas recebe para treinar e competir na modalidade (SANTANA; REIS, 2003).

No cenário do começo da prática do futsal feminino no país não se pode esquecer a função exercida pelos meios midiáticos. Para Darido (2002, p. 3), “certamente, por interesses econômicos e não na tentativa de romper com os valores sexistas e discriminadores”, nos anos 1980, a TV passou a exibir as partidas de futebol feminino e possui interesse em conferir mais projeção ao futsal feminino, frente à importância política dessa modalidade esportiva na procura pela participação olímpica.

Para a admissão do futsal nos Jogos Olímpicos há indícios de que essas projeções têm uma relação estreita, também, com o fato de o nível técnico se encontrar em processo acelerado de desenvolvimento. As evidências são notórias: o interesse crescente da mídia, que se propõe a divulgar, ainda que timidamente, se comparado ao futsal masculino, os eventos do gênero; as iniciativas anteriormente citadas da CBFS que, tudo leva a crer, incrementarão a expansão do futsal feminino (EQUIPE FERA FUTSAL FEMININO, 2010, s.d.).

A quantidade de brasileiras que atualmente joga o futebol cresceu se equiparado aos anos anteriores, assim como são expressivas as conquistas da seleção feminina que, desde o fim da década de 1990, tem escrito sua história em episódios de elevada projeção mundial (DACOSTA, 2005).

Segundo Goellner (2006), mais do que compreender quando o futsal começou no país, é fundamental afirmar que essa entrada das mulheres no mundo masculino é vista como um desrespeito enquanto que revoluciona a ordem de um espaço que não é somente esportivo, mas também social e cultural que carrega outros valores incrustado, como a sensualidade, a erotização do corpo, a beleza e a elegância.

2.2 Barreiras encontradas pelas mulheres no futsal

A aceitação do futsal feminino pela sociedade não foi simples devido aos diversos estereótipos estabelecidos de que o esporte demanda ações difíceis para que mulheres o praticassem. O que se percebe no famoso texto a seguir enviado para Getúlio Vargas em 1940.

Solicitar a clarividente atenção de V. Ex. para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina. Refiro-me, Sr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadores de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento, sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico de suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe... Ao que dizem os jornais, no Rio, já estão formados, nada menos de dez quadros femininos. Em São Paulo e Belo Horizonte também já está constituindo-se outros. E, neste crescimento, dentro de um ano, é provável que em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja, 200 núcleos destroçados de saúde de 2.200 futuras mães que, além do mais, ficarão presas a uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes (AGNE, 2004, p. 14).

Além disso, não há como não citar que a figura feminina por muito tempo foi compreendida como inferior à função do homem na sociedade, as mulheres eram parte associada dos afazeres domésticos. O que possui relação com a inserção das mulheres no esporte, pois, como aponta Costa e Abreu (2016, p. 03), “por muito tempo, a mulher foi considerada incapaz de produzir e realizar atividades físicas, assim como intelectualmente eram bastante inibidas”.

Ademais, de acordo com Goellner (2006, p. 89), muito se discutia a respeito na manutenção dos atributos de beleza femininos, assim, o que se esperava das mulheres em relação à prática esportiva era que:

Recomendações e prescrições, no que tange aos exercícios corporais femininos, direcionam-se para a preservação e constituição de uma boa maternidade considerada, neste momento, como a mais nobre missão da mulher, pois dela depende a regeneração da própria sociedade. Esses discursos podem ser localizados em diversos manuais e livros escritos no Brasil desde meados do século XIX e também nas revistas direcionadas especificamente para o público feminino.

Silveira e Strigger (2008, p. 06) citam também sobre a rotulação:

[...] ter mulheres que possuam traços corporais e gestos próximos das características construídas social e historicamente como masculinas faz com que o futsal seja visto a partir de um rótulo que associa “jogar futebol - masculinização das mulheres - homossexualidade”. Rotular o universo do futebol feminino e seus derivados prejudica esses esportes, pois acentua a exclusão de mulheres que gostam de futebol e futsal, mas não são homossexuais; e dificulta a obtenção de patrocínios para as equipes femininas.

Assim, ao longo dos anos o futsal no Brasil, assim como o futebol, marca uma característica de exclusão do público feminino e geração de estereótipos sexistas já que, conforme os padrões sociais esses esportes exigem resistência e força que eram características atribuídas somente aos homens.

De acordo com um estudo realizado por Santana e Freitas (2015), os seguintes motivos fizeram com que a inserção das mulheres no futsal fosse tardia, a saber:

- Masculiniza as mulheres;
- Figura materna;
- Proibição da prática do futsal;
- Falta de acesso;
- O futsal como motivo de marginalização;
- Estrutura social;
- Por não ser esporte olímpico;
- E o nível socioeconômico,

Embora atualmente já se perceba uma quantidade muito maior de mulheres engajadas no futsal, sabe-se que esse número ainda está distante da realidade masculina, assim como o reconhecimento e premiações. Nesse sentido, percebe-se a importância do cenário escolar nessa questão de gênero e luta contra o preconceito, pois como citam Souza e Altmann (2000, p. 64),

Não podemos esquecer que a escola também constrói cultura e que é possível criar propostas político-pedagógicas que incluem a cultura escolar e as aprendizagens de origem externa à escolaridade. Mesmo entendendo que o ensino escolar é uma alavanca de potencial limitado para a conquista de objetivos que afetam valores e comportamentos enraizados nos distintos grupos sociais, acreditamos que existe a possibilidade de ampliação de espaços para a construção de relações não-hierarquizadas entre homens e mulheres, para a qual a escola pode contribuir.

Sendo assim, surge a relevância de se debater a função da Educação Física na escola diante dessas peculiaridades enfrentadas no esporte atualmente.

3. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 – a Educação Física passou a compor a grade curricular como qualquer outra disciplina, ocasionando diversas alterações associadas à disposição didática e liberdade conferida às instituições escolares e sistemas de ensino, além da ótica conferida à formação do indivíduo.

Além da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), outro registro que regula e confere amparo à Educação Física são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Segundo os PCN's, compete à instituição escolar permitir uma educação continuada, proveniente de um planejamento sistemático para os alunos do Ensino Fundamental II, isto é, do 6º ao 9º ano. Os conhecimentos e aptidões que os educandos têm permitem capacidades pessoais que amparam o estudante para a autogestão de exercícios físicos, habilitando-os para uma avaliação crítica dos programas de atividades corporais e para a determinação de parâmetros para apreciação, decisão e efetivação de exercícios físicos salutaros.

A Educação Física para ser considerada uma disciplina curricular tão fundamental quando as outras, precisa evidenciar objetivos definidos e informações peculiares e estruturadas, cujo conhecimento possa ajudar para que as metas da educação escolar sejam atingidas.

As experiências vivenciadas pelos alunos nas aulas de Educação Física e a forma como o professor da disciplina influencia seus discentes nas aprendizagens em sua aula são características do contexto escolar, as mesmas possuem capacidade de influenciar a forma de pensar dos indivíduos sobre atividades físicas e suas habilidades corporais. É a partir desta disciplina que o aluno pode conhecer valores que envolvem o esporte e começar a compreender hábitos de uma vida saudável (SÁNCHEZ, 2011).

Além da promoção da saúde, a Educação Física na escola envolve muito outros contextos como, por exemplo, a atuação na formação da cultura corporal em relação ao movimento e de sua formação como apontam Voser e Giusti (2002, p. 106) quando citam que:

[...] a Educação Física, por seu conceito e abrangência, deve ser considerada como parte do processo educativo das pessoas, seja dentro ou fora do ambiente escolar, por construir-se na melhor opção de experiências

corporais, sem excluir a totalidade das pessoas, criando estímulos à vida que incorporem o uso de variadas formas de atividades Físicas.

Outro ponto de suma importância que a disciplina envolve na atuação escolar é a interação e socialização entre os alunos, de modo que o respeito é exercido ao longo das aulas (VOSER; GIUSTI, 2002).

A importância da Educação Física no contexto escolar deve-se ao fato de a escola ser a maior agência educativa, depois da família, com capacidade para influenciar os alunos na aquisição de hábitos e atitudes que contribuem para um harmonioso desenvolvimento pessoal e social. Nesse sentido, está comprometida com a solidariedade, a cooperação, a tolerância, a inclusão e o respeito pelo outro. Estes aspectos são essenciais à formação dos alunos e devem ser repassados por meio de uma Educação Física bem orientada, alicerçada no conhecimento científico, na qualidade técnica, na ética, no compromisso social dos docentes e no envolvimento com a comunidade escolar (CATUNDA et al., 2013, p. 17).

Nesse sentido de respeito e socialização, sabe-se, segundo Catunda et al. (2013), que um dos objetivos da Educação Física no ambiente escolar é promover a cultura da paz e respeito às diversidades. Assim, percebe-se que a discussão de gênero e todo o debate que envolve o sexismo torna-se, conseqüentemente, uma pauta a ser trabalhada no contexto de tais aulas, de modo que já na formação escolar o aluno compreenda que esportes como o futsal podem e devem ser praticados por qualquer pessoa que assim o desejar, independentemente de ser menino ou menina.

Portanto, cabe ressaltar como deve ser trabalhada a questão do gênero nas aulas de Educação Física e como o professor deve atuar diante desse contexto frente aos alunos.

3.1 A Educação Física e as relações de gênero

Quando se pensa em futsal e gênero em aulas de Educação Física, diversas vezes encontra-se circunstâncias onde os discentes são divididos nas aulas. Esta divisão ocorre em razão de que os alunos ficam de um lado da quadra e as alunas do lado oposto. Dessa forma, a aprendizagem destes discentes é realizada de maneira diferenciada. Segundo Betinardi (2008, p. 42), nas aulas mistas “meninos e meninas passam a não serem identificados através dos valores, comportamentos e talentos ‘naturais’”. Não se oculta o mundo feminino, não se enobrece o mundo masculino, e nem se transforma as relações entre homens e mulheres, numa ‘luta’.

De acordo com os PCNs (1998), as aulas de Educação Física mistas têm a possibilidade de oferecer chances de alunos e alunas analisarem-se, encontrarem-se e serem mais transigentes, não segregar e entender as diferenças, de maneira a não reproduzir estereótipos das relações sociais entre meninos e meninas.

No mesmo ponto-de-vista de preservar as aulas mistas de Educação Física, Saraiva (1999) afirma que

De um lado, que homens mais afinados numa cultura feminina possam ser, sem preconceitos, mais suaves e, de outro lado, que mulheres afinadas numa cultura masculina, possam ser, da mesma forma, mais fortes. Mas, sobretudo, que as valorizações de ambos em suas respectivas atuações sejam iguais (SARAIVA, 2008, p. 19).

As aulas mistas na Educação Física possuem a intenção de privilegiar as atividades para os dois sexos, mas nem sempre são aulas co-educativas porque a co-educação possui como finalidade levar o estudante a trabalhar iguais possibilidades e oportunidades, experimentando as disparidades e igualdades. Conforme Saraiva (2008, p. 190), “nas aulas de Educação Física, as meninas e os meninos devem receber as mesmas atenções e vivenciar as mesmas práticas, desenvolvendo a compreensão de diferenciadas manifestações do agir esportivo”.

Saraiva (2008) ainda destaca que,

Uma aula de Educação Física que pretenda a ampliação das vivências esportivas para ambos os sexos deve oferecer a estes as mesmas modalidades, disciplinas e exercícios. Quanto ao alargamento das capacitações motoras, a oferta dessas vivências na Educação Física possibilitaria a superação de limitações, das quais principalmente as meninas se ressentem (SARAIVA, 2008, p. 183).

Mesmo havendo esse amparo da Lei de Diretrizes e Bases e dos PCNs, na Educação Física revela-se também uma natureza sexista que transformou o sexo feminino em um indivíduo subalterno, manso e obediente e conferiu-lhe o cumprimento de um papel secundário e de pouco valor social (SARAIVA, 2008).

Por outro lado, Altmann (2015) declara que as aulas mistas terminam levando uma determinada exclusão entre os discentes. Afirma que alunos e alunas são retirados das partidas pela questão do gênero e devido à questão da habilidade no decorrer do jogo. Isto é, alunos terminam excluindo as alunas pelo gênero e, concomitantemente, excluindo alunos pela habilidade, e vice-versa.

Para Daólio (2003, p. 104), “a ação do professor de Educação Física, por mais progressista que seja, ainda não liberou da dicotomia criada culturalmente entre o masculino e feminino”, por exemplo, a prática do futsal feminino nas aulas de Educação Física ainda possui uma perspectiva de exclusão pelos docentes e, por conseguinte, pelos próprios discentes em algumas situações.

[...] que é difícil encontrar algum setor da atividade humana que não tenha sido generificado. As meninas são rotuladas de masculinas e sofrem inúmeros preconceitos até conseguir um espaço que também deveria ser de direito delas, como no exemplo do futsal ou outras práticas esportivas onde a agilidade e força se destacam. Na escola, por exemplo, quando não são os próprios professores/as que legitimam a desigualdade de gênero através da seleção dos conteúdos nas aulas de Educação Física, os próprios colegas de turma, produzem e reproduzem ações estereotipadas a respeito do que é feminino e do que é masculino (MATTOS, 2013 p. 4-5 *apud* FERRETY; KNIJNIK, 2007).

Louro (2014) ressalta que a Educação Física é uma matéria que sempre teve um olhar mais atento para a sexualidade das crianças, olhar da masculinidade do aluno no esporte sempre foi bastante considerado, quanto para as alunas o contato físico na partida e as agressividades vão contra a feminilidade das meninas.

Seffner *et al* (2006, p. 65) evidencia que “mesmo sem nos darmos conta, nós, docentes, muitas vezes nos relacionamos distintamente, ou estimulamos determinados tipos de comportamento, conforme nossos estudantes sejam homens ou mulheres”. Assim, os próprios docentes propiciam uma certa diferença de gênero nas aulas de Educação Física.

A Educação Física parece ser, também, um palco privilegiado para manifestações de preocupação com a relação à sexualidade das crianças. Ainda que tal preocupação esteja presente em todas as suas situações escolares, talvez ela se torne particularmente explícita numa área que está, constantemente, voltada para o domínio do corpo. [...] Não se pode negar que ser o melhor, no esporte pode representar, especialmente para um menino ou um jovem, um valorizado símbolo de masculinidade. [...] por outro lado, ocupa-se de modo particular das meninas e afirma que os cuidados com relação à sua sexualidade levam muitas professoras e professores a evitar jogos que supõe ‘contato físico’ ou uma certa dose de ‘agressividade’. [...] Agrega-se aí outros argumentos, como fato de tais atividades podem ‘machucar’ os seios ou órgãos reprodutores das meninas (LOURO, 2003, p.74-76).

Tal desigualdade de gênero é bastante notória quando a temática é o futsal. Dessa forma, Acosta (2016) complementa que,

Uma vez que o futebol explicita preconceitos e discriminações associadas à questão de gênero, o papel da professora se torna complexo ao ter de enfrentar e questionar algumas inflexibilidades encontradas na prática. As características utilizadas para desqualificar a prática do futebol pelas meninas vão desde a violência até a falta de habilidade, afastando-as das atividades predominantemente masculinas (ACOSTA, 2016, p. 26).

A perspectiva profissional do sexo masculino, atualmente, para bom resultado, é ser jogador de futebol, igual ao seu ídolo. Para o sexo feminino, por seu turno, o sonho de profissão é fazer carreira na televisão, sentido semelhante a omissão e sensualidade. Essas declarações não são uma regra, mas submetem a questão dos estereótipos relacionados ao sexo masculino e feminino, coagindo a sociedade como os teóricos afirmaram (GOMES; TREVISAN, 2008).

Altmann (*apud* Furlan, 2008, p. 16) ressalta outra questão ao declarar que “muitas vezes os meninos se sentem ameaçados ao jogar contra meninas, isto devido ao medo de perder a partida e serem superados por elas. Tendo assim, que aceitar que as mulheres também possuem habilidades para o futsal”.

Além do medo de que a participação das mulheres em atividades esportivas pudesse desonrá-las havia, ainda, outra preocupação: seu sucesso nestas práticas poderia infringir as leis da natureza, pois, ao mostrarem-se mais fortes do que se supunha, seria fissurado o discurso das diferenças naturais cuja base estava assentada na sobrepujança física de um sexo sobre outro (GOELLNER, 2005, p.145).

As relações concebidas sob interferência dos estereótipos sexuais refletem nas atividades esportivas escolares e de rendimento nas aulas de Educação Física influenciando a prática de esportes (SARAIVA, 2008).

Louro (2007) declara que a construção da identidade de gênero diversas vezes é realizada através de implícitos,

Nas aulas de educação física esse processo é, geralmente, mais explícito e evidente. Ainda que várias escolas e professores/as venham trabalhando em regime de co-educação, a educação física parece ser a área onde as resistências ao trabalho integrado persistem, ou melhor, onde as resistências provavelmente se renovam, a partir de outras argumentações ou de novas teorizações (LOURO, 2014, p. 72-73).

Acredita-se que os docentes de Educação Física sentem dificuldade em se livrarem de certos preconceitos e passarem a sugerir uma prática que promova as mesmas chances a todos os estudantes, do sexo masculino e feminino, respeitando os interesses e dificuldades de cada um deles (DAÓLIO, 2003).

Se é conformação anatômica dos sujeitos aquilo que os define, dentro dessa perspectiva, nada mais “natural” que recomendar aos homens e mulheres diferentes possibilidades de movimentação. A eles a aventura, a potência, o desafio, a força; a elas, a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada, o desafio ameno. Para as mulheres, em grande medida, é incentivado viver o espetáculo esportivo desde que não deixe de lado, por exemplo, a graciosidade, a delicadeza e a beleza, atributos colados a uma suposta “essência feminina”. Argumentos como estes operam como mecanismos de exclusão e inclusão em diferentes modalidades esportivas, posicionam as mulheres, demarcam seus espaços de sociabilidade, pois insistem em afirmar que determinadas atividades não são apropriadas aos seus corpos vistos, grosso modo, como de natureza mais frágil que os corpos dos homens (GOELLNER, 2007, p. 184-185).

Na inserção dos esportes na Educação Física nacional, as alunas foram vistas como dóceis e frágeis e os alunos como fortes, cheios de dominação e poder, características que reduzem a desigualdade de gênero. A constituição das imagens da mulher surge introduzida na Educação Física em variados tempos e espaços, táticas e formas distintas. Estas imagens estão dentro de uma conjuntura social e cultural para o qual os papéis masculinos e femininos estão destinados.

3.2 As percepções de gênero no futsal nas aulas de Educação Física

No que diz respeito ao futsal, no momento em que se separam meninos e meninas nas aulas de Educação Física percebe-se também o estímulo a habilidades e esportes diferentes. Assim, o motivo da exclusão e da falta de incentivo para as mulheres no futsal muitas vezes se dá pela forma como são vistas, ou seja, o “sexo frágil” que não possui a mesma habilidade para o futsal como os meninos. Presume-se, portanto, que não há interesse das meninas por esse esporte o que, como consequência, faz com que não sejam ensinadas regras ou estruturas do jogo. Desse modo, o que se percebe é que a aceitação a ser superada no ambiente escolar, principalmente no contexto da Educação Física, não é apenas aceitação entre meninos e meninas, mas também a relação ao incentivo de toda e qualquer prática esportiva, independente do sexo (SARAIVA, 2008).

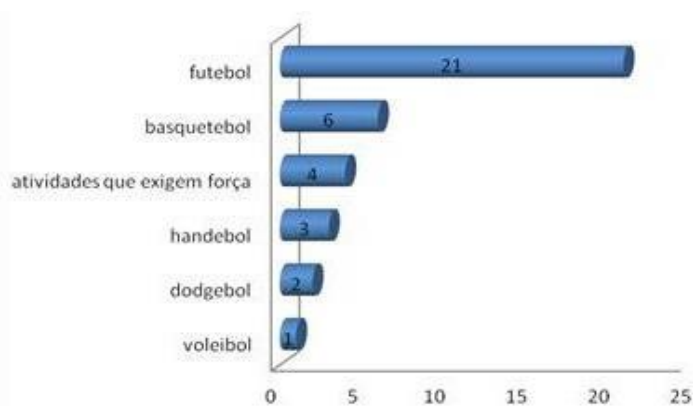
O currículo dimensiona o que se deve conhecer. E o que se deve conhecer na Educação Física escolar está atravessado por sentidos e significados culturais associados ao universo masculino. Isto é, se no dia/momento livre estabelece-se uma negociação com “eles”; se o futebol é um conteúdo comum que ocupa grande espaço nas aulas de Educação Física, pois “eles” já vêm com essa vivência de fora da escola; se as atividades com as meninas são ditas como próprias de um tom mais recreativo; se os sentidos a elas atribuídos significam-nas como com facilidade em determinadas atividades esportivas, como o handebol, por exemplo; e se os meninos são descritos como competitivos ou com maior facilidade na aprendizagem de práticas esportivas, visibilizam-se algumas condições para tratar das relações de poder que se

estabelecem ao considerarmos a produtividade do currículo esportivizado na Educação Física escolar (DORNELLES, 2011, p. 20).

A intenção, portanto, deve ser “[...] agir intencionalmente na tentativa de eliminar ou reduzir algumas hierarquias e estereótipos impostos socialmente para os papéis masculinos e femininos” (SAYÃO, 2002, p. 11).

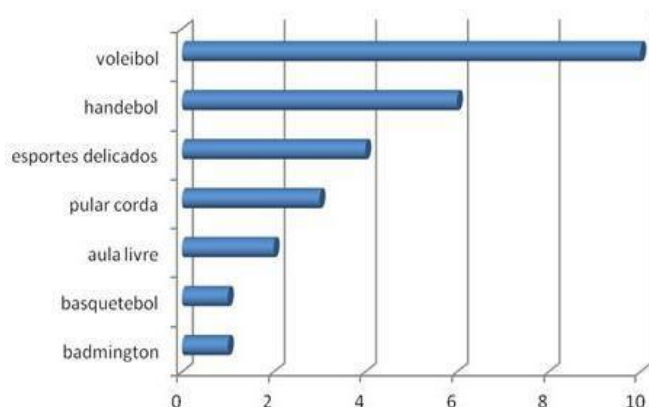
Em um estudo feito por Barros *et al.* (2012), a questão dos estereótipos e construção social dos papéis dos gêneros nos esportes foi percebida quando se pesquisou sobre as atividades sugeridas para meninos e meninas tendo como resultados as respostas das figuras a seguir:

Figura 1 - Atividades sugeridas para os meninos



Fonte: Barros et al (2002)

Figura 2 - Atividades sugeridas para as meninas



Fonte: Barros et al (2002)

Comparando os resultados obtidos pelos autores, observa-se que os próprios alunos apontam que os esportes possuem diferenciação para os gêneros. O futebol,

por exemplo, nem mesmo foi citado como atividade para as meninas, reforçando a estereotipação cultural e social construída (BARROS et al., 2002).

Esse contato com as diferenças impostas é imposto pela sociedade desde a infância, fazendo com que essa visão seja prolongada ao longo da vida, como cita Sayão (2002, p. 5):

Essas diferenças são engendradas nas crianças pouco a pouco por diversos mecanismos que envolvem suas interações com os adultos, as outras crianças, a televisão, o cinema, a música etc. A demarcação do que cabe aos meninos ou às meninas se inicia bem cedo e ocorre pela materialidade e também pela subjetividade. Essas relações influenciam nas elaborações que as crianças fazem sobre si, os outros e a cultura, e contribuem para compor sua identidade de gênero.

Altmann (2015) aponta que o esporte, como conceito do masculino, pode ser percebido pela linguagem do contexto escolar, que não somente acabam reproduzindo essa imagem como perpassam essa visão. Esportes como o futsal se atrelam à masculinidade com base na imagem de um indivíduo violento, forte e vitorioso. De acordo com o autor, essa visão pode variar de acordo com o esporte, já que alguns demandam menos esforços físicos como apontados nas figuras anteriores, sendo que o futebol e, como consequência, o futsal, são considerados como um dos esportes mais masculinos nesse universo.

Esportes como futebol, futsal, handebol, basquete e outras práticas corporais que, de forma especial, envolvem contato físico são enumerados como definidores de situações em que há dificuldade ou impossibilidade para o trabalho misto, isso pela suposta natureza distinta dos corpos de meninos e meninas e/ou pelos graus diferenciados de competitividade, movimentação, interesse em determinadas práticas e habilidades a elas associadas. Produz-se e é produzido, nesse contexto discursivo, o mito da fragilidade, apatia e lerdeza feminina e dos meninos forçados, agressivos e competitivos escolar (DORNELLES, 2011, p. 21-22).

Conforme Sayão (2002) é importante evidenciar a integração entre meninos e meninas nos escopos educativos enquanto crianças, desde sua iniciação na vida escolar, mediante políticas educacionais que estejam direcionadas para esta integração de atividades entre os sexos, auxiliando, assim, na convivência solidária e na igualdade social.

Ter como meta uma política de igualdade social entre homens e mulheres é algo que precisa ser elaborado desde o nascimento e em todos os tempos e espaços da vida social, como uma opção político-educacional. Nessa

perspectiva, faz sentido trabalhar um rompimento com a dimensão sexista da Educação Física, que impede uma convivência mais solidária entre os meninos e as meninas, homens e mulheres (SAYÃO, 2002, p. 12).

O esporte é um grande aliado no contexto escolar diante da política de igualdade entre homens e mulheres pois,

Na prática do esporte emergem, na criança, algumas atitudes sociais, extremamente importantes, como a organização, a solidariedade, a formação de lideranças, além de suscitar um prazer visível e imediato, que se torna fundamento maior da busca maior do prazer moral. Jogando, a criança aprende a assumir deveres consigo mesma, e, depois, com outros. Nessas relações ela vai interiorizando as regras que futuramente serão à base de sua personalidade (WALTER, 2005, p. 168).

Percebe-se, portanto, o esporte não somente como uma atividade escolar direcionada para a promoção da saúde dos alunos, autoestima e qualidade de vida, mas também como uma ferramenta para incorporação de valores, solidariedade e respeito (SILVA, 2012).

Nesse contexto, o futsal surge como uma grande oportunidade de união entre os gêneros nas aulas pois confere integração e cooperação a serem trabalhados pelos professores (SILVA, 2012). Além disso, pode facilitar o desenvolvimento do potencial individual, de modo a promover os alunos ao desempenho e, no caso do sexismo, capacitar as meninas na compreensão de que o futsal pode ser praticado por qualquer pessoa independente do sexo.

Percebeu-se que a prática do futsal é contribuir para a formação de cidadãos, é um dos vários mecanismos educacional que colabora para aprimorar o desenvolvimento social do indivíduo que procura praticá-lo, visto que as regras imposta no futsal exigem inúmeras atitudes, entre elas a disciplina, a organização, a responsabilidade e respeito para com o outro. O futsal permite adquirir conhecimentos que interferem na formação social do aluno, tanto no espaço escolar como no convívio social além do universo escolar (SILVA, 2012, p. 38).

Acredita-se que, para a questão de gênero ser mais bem trabalhada nas aulas de Educação Física através dos esportes até então considerados masculinos como é o caso do futsal, faz-se necessário que haja diversificação dos conteúdos das aulas para que a ligação entre meninos e meninas seja fortalecida. Assim, será possível romper com a dimensão sexista nas aulas e, conseqüentemente, na visão dos alunos (SAYÃO, 2002).

Cabe, portanto, ao educador (a) garantir conteúdos diversificados que proporcionem a participação de todos (as) os(as) educandos(as) efetivamente, proporcionando uma desmistificação dos sexismos, postura crítica perante os papéis sociais desempenhados por meninos e meninas e o respeito ao próximo, seja ele(a) homem ou mulher (HAERTEL, 2007, p. 15).

A Educação Física, através do futsal e mediante uma participação ativa do professor, pode garantir, portanto, que as aulas sejam direcionadas de modo a assegurar que os alunos não sejam distinguidos pelo seu sexo para desempenho, mas sim por suas habilidades e desejo em participar do esporte. A Educação Física atua de modo diferente de outras disciplinas no sentido da socialização e da interação entre os alunos, sendo essencial que esses debates sejam pensados pelos professores, para que barreiras não sejam impostas através do sexismo, mas sim superadas por não haver exclusão devido ao sexo.

4. METODOLOGIA

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Pesquisa quantitativa e qualitativa, do tipo descritiva. Esse tipo de pesquisa visa à descrição das características de determinada população ou fenômenos, e não permite a interferência do pesquisador (THOMAS; NELSON, 2002).

Segundo Andrade (2010), a pesquisa é a reunião de procedimentos organizados, utilizando métodos científicos e raciocínio lógico, com o intuito de achar respostas para os questionamentos realizados.

A pesquisa bibliográfica é de caráter teórico e parte integrante de um estudo porque é dela que se tem a informação dos livros que existem. Para Oliveira (1999, p. 119), “a pesquisa bibliográfica tem por finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizam sobre determinado assunto ou fenômeno”. Em suma, a pesquisa bibliográfica é parte fundamental de qualquer trabalho porque elucidará a problemática através de livros publicados de outros teóricos, sendo seu intuito esclarecer por meio de várias perspectivas de teóricos diferentes uma mesma temática.

A pesquisa investiga uma literatura publicada recentemente, fundamentando-se na influência do sexismo na prática do futsal. Baseando-se no que foi mencionado e levando em consideração que a literatura é o ponto de partida para a elaboração de trabalhos acadêmicos (ANDRADE, 2010), foi primeiramente feita uma revisão de literatura, com diversas obras e artigos científicos associados com a temática desta pesquisa.

Gil (2017) acredita que este tipo de trabalho é feito baseado em materiais que já foram publicados e que podem ser impressos, tais como revistas especializadas, artigos acadêmicos, redações e livros, ou também em matérias acessadas através de sites e outras mídias digitais.

4.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA

Foram distribuídos questionários após licença da instituição de ensino e autorização da professora responsável a fim de divulgar os objetivos da pesquisa e selecionar voluntárias que se adequassem ao estudo. A pesquisadora aproveitou de sua intervenção no ESO 4 escola pública da cidade de Recife e uma escola privada

também da cidade do Recife e foi em cada sala de aula, apresentou à pesquisa e seus objetivos, as alunas foram esclarecidas de qualquer dúvida que eventualmente pudessem surgir. As alunas que se interessaram e estavam dentro dos critérios da pesquisa e cujos responsáveis legais autorizaram e assinaram o TCLE foram incluídos na amostra pesquisada. O critério era ter participado de aulas de educação física em sua escola e ser aluno regular do Ensino médio. Os questionários foram preenchidos na própria instituição na presença da professora e da pesquisadora em tempo estimado de 15 minutos, respeitando-se os direitos de privacidade e confidencialidade dos dados coletados. Cada indivíduo respondeu a 1 (um) questionário, que são auto aplicáveis e entregou ao pesquisador. Eles preencheram os questionários de uma única vez.

4.3 INSTRUMENTOS DA COLETA

A pesquisa foi realizada por meio de elaboração e aplicação de um questionário (Apêndice A) que foi aplicado a 115 alunas, o questionário foi composto por perguntas abertas e fechadas.

5. RESULTADO E DISCUSSÃO

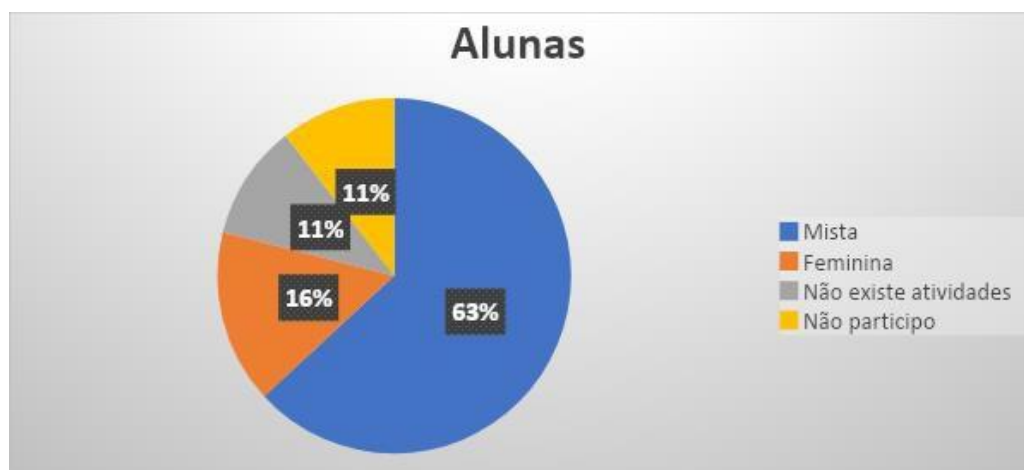
O presente trabalho estabeleceu-se primeiramente a analisar por meio de pesquisa bibliográfica elementos que pudessem fundamentar o referencial teórico para dar embasamento a esta pesquisa de campo. Dessa forma, depois de várias leituras sobre os primórdios do futsal no Brasil, as barreiras encontradas pelas mulheres no futsal, a educação física escolar, as relações de gênero e a educação física e as percepções de gênero no futsal na educação física, procurou-se apresentar os resultados por meio de entrevistas com 115 alunas praticantes do esporte.



Fonte: A autora (2020)

Na primeira pergunta, buscou-se conhecer se as alunas já haviam tido contato com o futebol, onde se questionou: “*Você já praticou futebol? Se sim, onde?*”. Das 115 alunas, 22 responderam que não e 93 responderam que sim. Os resultados indicaram que a maioria das alunas entrevistada praticaram o esporte na escola (81% das 93 alunas), 12% das alunas praticam futebol na rua (11 alunas), 4% em algum clube (4 alunas) e 3% em casa com familiares (3 alunas).

Gráfico 2 - Na sua escola as atividades de futebol são feitas de que forma? Você participa?



Fonte: A autora (2020)

Na segunda pergunta, procurou-se identificar como as atividades de futebol eram feitas nas escolas das entrevistadas e se elas participavam. De 115 alunas, 85 responderam que participavam das aulas. Os resultados indicaram que 60 alunas praticavam o esporte de forma mista (63%), 15 alunas responderam que em suas escolas o futebol era estritamente feminino (16%), 10 alunas responderam que não existe uma forma definida da atividade (10%).

A maioria da resposta também enfatiza que as escolas veem as alunas com mais fragilidade, isto é, leva para elas atividades mais fáceis, de simples compreensão e execução, sendo que para os alunos a complexidade das atividades termina sendo maior.

Gráfico 3 - Você já sofreu alguma discriminação por participar do futebol na escola?



Fonte: A autora (2020)

Na terceira pergunta, questionou-se se alguma aluna já havia sofrido discriminação por participar do futebol na escola. 98 alunas (93%) afirmaram já ter sofrido algum tipo de discriminação, 7 alunas (7%) nunca se sentiram discriminadas por participar de futebol na escola.

Gráfico 4 - Você deixou de participar de alguma aula de futebol por conta de discriminação?

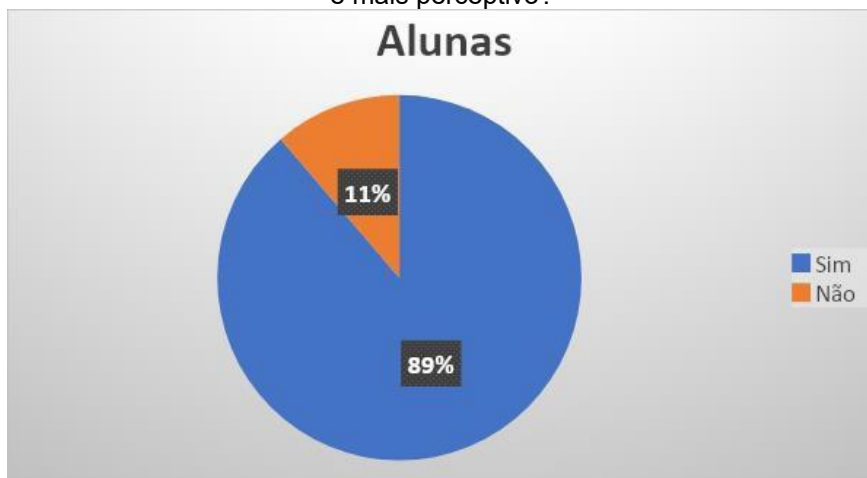


Fonte: A autora (2020)

A quarta pergunta foi se alguma aluna já deixou de participar da aula de futebol por sentir algum tipo de discriminação. Das 115 alunas entrevistadas, 80% (92 alunas) responderam que sim e 20% (23 alunas) afirmaram que não.

Ao observar as respostas das alunas sobre a questão da discriminação, é importante ressaltar que também é possível identificar a relevância que o esporte possui na vida escolar das entrevistadas, assim como, fora da instituição escolar. De uma maneira geral, os discentes procuram a socialização e a integração do esporte nas aulas de Educação Física.

Gráfico 5 - Você acredita que existe preconceito com meninas que jogam futebol? Se sim, onde isso é mais perceptivo?



Fonte: A autora (2020)

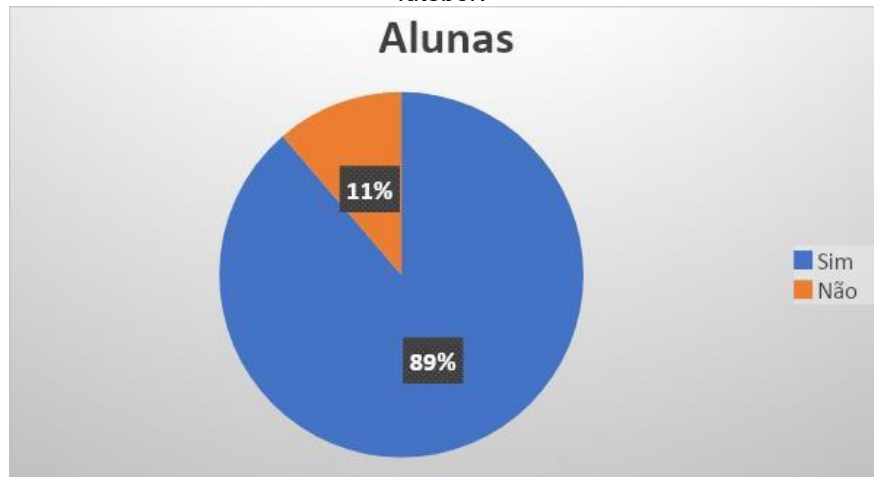
A quinta pergunta realizada foi alguma aluna acredita que existe preconceito com meninas que jogam futebol. Das 115 alunas entrevistadas, 89% (102 meninas) responderam que sim e 11% (13 meninas) disseram que não. Destaca-se que das 102 alunas que afirmaram que há preconceito, 50 delas acreditam que em casa é o local mais perceptivo.

Corroborando acerca do preconceito no que tange ao futebol feminino, Martins e Moraes (2006) declaram

[...] Embora o futebol seja considerado uma paixão nacional, parece não assumir este papel social quando a questão é o futebol feminino. Este trabalho reforça a necessidade de se redirecionar o status social dessa questão na sociedade brasileira, despertando de seu estado de dormência, pela forma como tem sido tratado o futebol feminino pela mídia, não apenas pelo que se diz, mas também pelo silêncio sobre ele (MARTINS; MORAIS, 2006, p. 79).

Observa-se que os estudantes já têm uma perspectiva mais abrangente acerca da temática. Isto é, os alunos conseguem observar de uma maneira normal a participação feminina no futebol/futsal que é predominantemente masculino. De igual forma, creem que seja uma atividade que tem crescido bastante no universo das mulheres, findando a concepção de que o esporte apenas pode ser jogado pelo sexo masculino.

Gráfico 6 - Existe na escola incentivo por parte dos professores para que meninas pratiquem o futebol?



Fonte: A autora (2020)

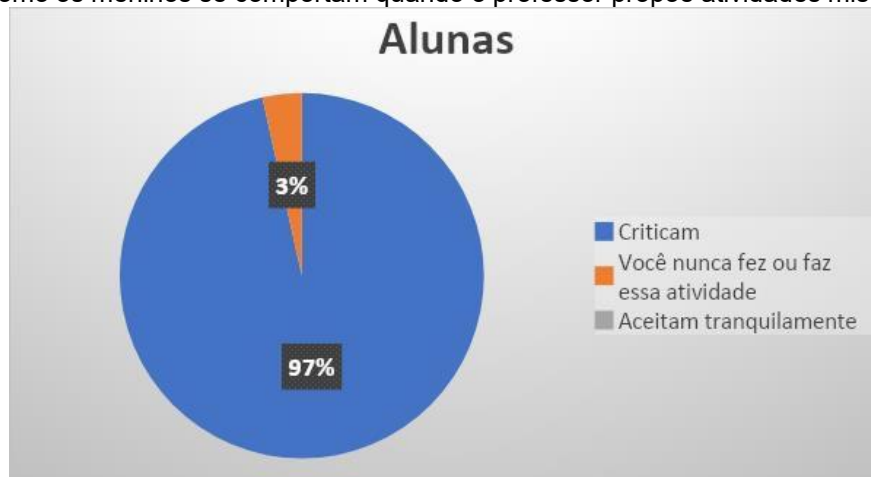
A sexta pergunta questionou as entrevistadas em relação ao incentivo dos docentes em relação à prática do futebol pelas meninas. Das 115 entrevistadas, 89% (102 meninas) responderam que sim e 11% (13 meninas) disseram que não.

Sobre esse incentivo, Andres (2011, p. 18) aponta que,

O importante é minimizar as barreiras que distanciam e excluem meninos e meninas das atividades, como por exemplo, o suporte competitivo. E trazer como objetivo de trabalho para as aulas, atividades que todos possam ser incluídos, desenvolvendo suas habilidades e potencialidades de uma maneira lúdica e cooperativa.

Assim, percebe-se que os professores já fazem parte da mudança necessária à quebra de paradigmas em relação aos estereótipos, visto que existe o incentivo do público feminino para a prática de um esporte considerado como masculino. Acredita-se que o que ainda falta é o ajuste de como de fato deve se essa integração na prática, de maneira que o incentivo saia do campo teórico e se realize na prática nas aulas.

Gráfico 7 - Como os meninos se comportam quando o professor propõe atividades mistas no futebol?



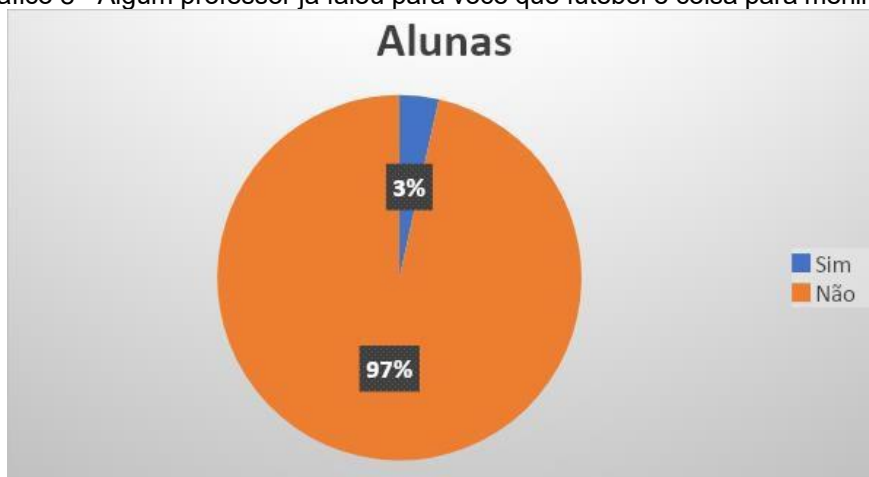
Fonte: A autora (2020)

Na sétima pergunta as alunas foram questionadas em relação ao comportamento dos meninos quando o professor propõe a integração das meninas nas atividades de futebol. Das entrevistadas, 97% (111) responderam que os meninos criticam esse tipo de atividade e 3% (4) nunca participaram desse tipo de atividades mista.

Esse questionamento mostrou que, embora teoricamente os alunos compreendam a importância da superação das barreiras do preconceito, na prática quando é sugerida atividade mista a maioria acaba criticando, principalmente por acharem que as meninas atrapalham o desempenho da atividade. Sobre essa questão da visão dos alunos, Souza (2011, p. 10) destaca que:

Ainda que as mulheres continuem evoluindo no quesito da sua inserção no esporte, podemos analisar que o discurso sobre preconceito em relação a sua prática ainda é visível na sociedade, e o que contribui para essa situação é que ainda há resquícios da sua imagem do passado, ou seja, esses valores atribuídos às mulheres vão ser difíceis de serem apagados totalmente.

Gráfico 8 - Algum professor já falou para você que futebol é coisa para meninos?

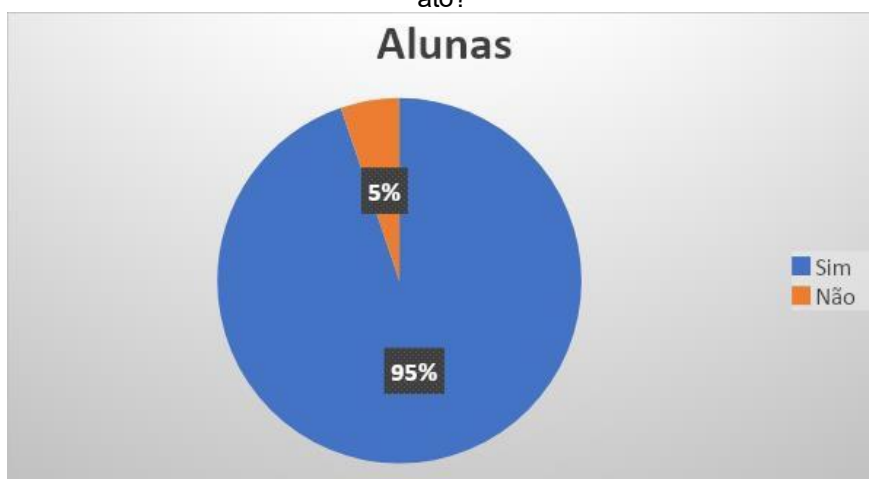


Fonte: A autora (2020)

Na oitava pergunta as alunas foram questionadas se algum professor já falou sobre futebol ser coisa para meninos. Das entrevistadas, 97% (111) responderam que não e 3% (4) responderam que sim.

Percebe-se, portanto, que a visão dos professores em relação a determinar esportes masculinos e femininos vem sendo substituída na compreensão da importância da integração entre meninos e meninas nos escopos educativos através da convivência.

Gráfico 9 - Já sofreu com discriminação, isso te motivou a continuar ou você parou por conta desse ato?



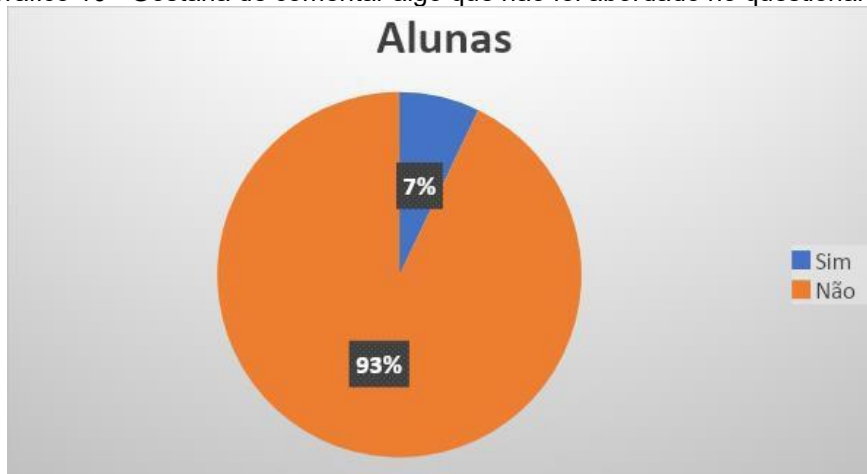
Fonte: A autora (2020)

A nona pergunta, em relação às alunas que já sofreram discriminação e se isso as motivou a continuar ou a parar, constatou-se que 95% (109) confirmaram já terem

sofrido discriminação e 5% (6) que não, sendo que das que responderam sim, 101 disseram se sentirem motivadas a continuar por conta disso.

Esse questionamento comprova que o sexismo, embora já compreendido por muitos, ainda é muito vivenciado pelas meninas no esporte.

Gráfico 10 - Gostaria de comentar algo que não foi abordado no questionário?



Fonte: A autora (2020)

Por fim, a última pergunta questionou se as alunas gostariam de comentar algo que não foi abordado no questionário, somente uma aluna desejou comentar e relatou a falta de apoio de professores de outras disciplinas quando elas dizem querer fazer educação física, segundo ela isso prejudica a participação das mesmas nas atividades.

Sendo assim, ao analisar os dados obtidos através da entrevista realizada, consegue-se identificar que em relação ao preconceito que as meninas sofrem ao praticar o futsal é notável que já se tem um avanço embora a discriminação ainda seja uma realidade no esporte. Ressalta-se, como complemento, a necessidade e a importância de os docentes inovarem e buscarem experiências relacionadas ao futsal através de métodos inovadores que integrem todos igualmente, sem distinguir sexo ou habilidade.

6. CONCLUSÃO

Levando em consideração a importância que a escola possui na formação do homem e construção de seus valores, a presente pesquisa buscou abordar as compreensões de gênero e seus desdobramentos nas aulas de Educação Física através do futsal, esporte considerado masculino.

Desse modo, inicialmente abordou-se os primórdios do futsal no Brasil, sendo possível compreender qual a principal versão de como o esporte iniciou no país e a percepção de que tal modalidade era direcionada somente para o público masculino, de modo que a inserção da mulher no futsal se deu de forma bastante recente. Assim, partiu-se para a abordagem nas barreiras encontradas pelas mulheres no futsal, constatando que a superação dos estereótipos pré-estabelecidos se deu de modo vagaroso e até os dias de hoje perdura na sociedade. Essa compreensão da mulher como inferior ao homem, além da associação feminina aos afazeres domésticos, dentre outras questões apontadas implicaram na quantidade de mulheres no futsal ser minimizada até mesmo nos dias de hoje.

Diante de tal contexto, partiu-se para a abordagem na Educação Física escolar de modo a constatar que a disciplina não atua somente diante da saúde e bem estar dos alunos, mas, principalmente, na socialização e no respeito às diversidades. Portanto, abordou-se a ligação da disciplina com as relações de gênero de modo a concluir que, embora atualmente as aulas separadas e as didáticas encontradas na escola estimule o sexismo, as aulas de Educação Física podem ser uma das melhores oportunidades na escola de superação da desigualdade de gênero.

Ao final da parte bibliográfica do estudo foram abordadas as percepções de gênero no futsal nas aulas de Educação Física, já que é um esporte que pode viabilizar a integração entre meninos e meninas no campo educativo através cooperação e do respeito a serem trabalhados pelos professores.

Por fim, de modo a sustentar a teoria analisada na presente pesquisa, foi realizada uma entrevista com 115 alunas para que fosse verificada a realidade do futsal na vida das meninas nas aulas de Educação Física. Desse modo, foi possível perceber que o preconceito e a percepção da menina como o sexo frágil ainda é maioria, de maneira que algumas ainda deixam de praticar o esporte devido às críticas que recebem. Conclui-se, portanto, que sendo o futsal e a Educação Física oportunidades de superação de tais barreiras que ainda imperam na sociedade, faz-

se necessário que professores incentivem mais e busquem alternativas para integração e respeito, de modo que o ambiente escolar seja o início dessa quebra de paradigmas relacionados ao sexismo.

Portanto, não houve a pretensão de esgotamento do assunto, visto que é um contexto ainda a ser bastante explorado devido sua importância e riqueza de detalhes a serem debatidas. Sugere-se que novos estudos sejam realizados em prol dessa temática para que com esses resultados encontrados se possa melhor planejar as atividades de Educação Física na escola.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Ayllu Duarte. **Educação Física e gênero: saberes da prática docente militante no estágio supervisionado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.** 2016. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança. Porto Alegre, RS, 2016.

AGNE, Valdir Cardoso. **A Educação Física Escolar e sua relação com o futsal no aspecto Pedagógico.** 2004. 38f. Trabalho de conclusão de curso, Unijui Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2004.

ALTMANN, Helena. **Educação física Escolar: Relações de Gênero em jogo.** São Paulo: Cortez. Coleção educação e saúde, 2015.

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico.** 10 Ed. São Paulo: Atlas. 2010.

ANDRES, Suélen de Souza. **Relações de gênero e sexualidade: temas para a e formação profissional em Educação Física.** Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física. Centro de Educação Física e Desportos. Santa Maria, 2011.

BARROS, Wesley Barbosa et al. Clube do 'Bolinha' e da 'Luluzinha': uma discussão sobre gênero na Educação Física escolar. **EFDeportes.com, Revista Digital.** Buenos Aires, Año 16, Nº 164, Enero de 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd164/genero-na-educacao-fisica-escolar.htm> Acesso em: 11 set. 2020.

BETINARDI, Solange. **Meninos e Meninas: a (in)diferença nas Aulas Mistas de Educação Física.** Caderno Pedagógico apresentado como requisito obrigatório à Coordenação do Programa de Desenvolvimento Educacional da SEED. Curitiba, 2008.

Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1653-6.pdf> Acesso em: 10 set. 2020.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 01 set. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física.** Brasília: Imprensa Oficial, v.7, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 01 set. 2020.

CATUNDA, Ricardo; SARTORI, Sergio Kudsi; LAURINDO, Elisabete. **Recomendações para a educação física escolar – CONFEF.** Brasília: 2013, 17.p.

Encontro Interativo do Sistema CONFEF/CREF's. Conselho Federal de Educação Física – CONFEF, 2013. Disponível em: https://www.listasconfef.org.br/arquivos/publicacoes/RECOMENDACOES_PARA_A_EDUCACAO_FISICA_ESCOLAR2.pdf Acesso em: 03 set. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO – Futsal. **O esporte da bola pesada que virou uma paixão**: Primórdios do Futsal. 2020. Disponível em: <https://www.cbfs.com.br/futsal-origem> Acesso em: 01 set. 2020.

COSTA, Yasmin Lima da; ABREU, Rachel de Oliveira. MULHER E FUTEBOL: Desigualdade de Gênero e a Influência Midiática. **Congresso Nacional de História**, set., 2016. Disponível em: http://www.congressohistoriajatai.org/2016/resources/anais/6/1477949130_ARQUIVO_artigocongressofinalizadodia31.pdf Acesso em: 03 set. 2020.

DACOSTA, Lamartine Pereira. **Atlas do Esporte no Brasil**: Atlas do esporte, educação física, atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=230122> Acesso em: 01 set. 2020.

DAÓLIO, Jocimar. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em antas. 2ª Edição revista e ampliada. Editora da UNICAMP. Campinas, SP. 2003. Disponível em: https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/4883647/mod_resource/content/0/Texto%2011.pdf Acesso em: 10 set. 2020.

DARIDO, Suraya Cristina. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Revista Motriz**, Rio Claro, 2002. Disponível em: https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/274129_Darido.pdf Acesso em: 01 set. 2020.

DORNELLES, Priscila Gomes. Marcas de gênero na Educação Física Escolar: a separação de meninos e meninas em foco. **Motrivivência**, Ano XXIII, n. 37, p. 12-29 Dez./2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/download/2175-8042.2011v23n37p12/21752> Acesso em: 11 set. 2020.

EQUIPE FERA FUTSAL FEMININO. **História do Futsal Feminino**. 25 de julho de 2010. Disponível em: <http://ferafutsalfeminino.blogspot.com/2010/07/historia-do-futsal-feminino.html> Acesso em: 01 set. 2020.

FRANZINI, Fábio. "Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol". **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000200012 Acesso em: 01 set. 2020.

FURLAN, Cássia Cristina; SANTOS, Patrícia Lessa dos. **Futebol Feminino e as Barreiras do Sexismo nas escolas**: reflexões acerca da invisibilidade. Revista Motrivivência, Florianópolis, Ano XX, n.30, p. 28-43, Junho, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2008n30p28> Acesso em: 10 set. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6 Ed. São Paulo: Atlas. 2017.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Na Pátria das chuteiras as mulheres não têm vez. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/na-patria-das-chuteiras-as-mulheres-nao-tem-vez/> Acesso em: 01 set. 2020.

_____. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/106> Acesso em: 03 set. 2020.

_____. Na Pátria das chuteiras as mulheres não têm vez. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/na-patria-das-chuteiras-as-mulheres-nao-tem-vez/> Acesso em: 01 set. 2020.

GOMES, Ana Maria; TREVISAN, Sandra Aparecida. A disciplina de Educação Física e a prática da exclusão (no prelo). In: ANACHE, Alexandra Ayach et al. **Fundamentos sociológicos e psicológicos da educação**. 1. ed., Campo Grande: Editora UFMS, 2008.

HAERTEL, Bianca. A temática do gênero nas aulas de educação física do ensino médio: pesquisa e intervenção em escolas da cidade de São Carlos. In: III Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: o lazer em uma perspectiva latino-americana, 2007, São Carlos. Anais... São Carlos: SPQMH - DEFMH/UFSCar, 2007, p.99-115. Disponível em: http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/2007/3colq_genero.pdf Acesso em: 11 set. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAIS, Laura. **O futebol feminino e sua inserção na mídia**: A diferença que faz uma medalha de prata. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/33360> Acesso em: 18 set. 2020.

MATTOS, Michele Ziegler de. **Corpos Generificados**: os artefatos culturais e os discursos produzidos sobre gênero. LUME. Universidade Federal de Pelotas, Fazendo Gênero 10. Desafios Atuais dos Feminismos, p. 1-11, setembro, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1370966350_ARQUIVO_fazendogenerosetembro.pdf Acesso em: 10 set. 2020.

OLIVEIRA, Silvio Luiz. **Tratado de metodologia científica**. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental**. Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf> Acesso em: 10 set. 2020.

ROMERO, Elaine. A Educação Física a Serviço da Ideologia Sexista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.15, n. 3, janeiro 1994. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/a-educacao-fisica-servico-ideologia-sexista/> Acesso em: 01 set. 2020.

SANTANA, Wilton Carlos de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 11, n. 4, p. 45-50, out./dez. 2003. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/525> Acesso em: 01 set. 2020.

SÁNCHEZ, Enrique González. Benefícios de La Educación Física y el Deporte en los escolares. Granada, Spanã: (39). **Revista Digital Innovación e Experiencias Educativas**, 2011. Disponível em: http://www.csicsif.es/andalucia/modules/mod_ense/revista/pdf/Numero_39/ENRIQUE_GONZALEZ_SANCHEZ_01.pdf Acesso em: 01 set. 2020.

SANTANA, Gabriela Jadjeschi; FREITAS, Luciana Silva. **Inserção da mulher no futsal**. 2015. Trabalho de conclusão de curso, Centro de Educação Física e Desportos. Universidade Federal do Espírito Santo. 2015.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação Física e Esportes**: quando a diferença é mito. 2ª Ed. Editora Unijuí, Ijuí- RS. 2008.

SAYÃO, Deborah Thomé. A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da Educação Física na educação infantil. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 5, p. 1-14, 2001-2002. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/viewFile/43/39> Acesso em: 11 set. 2020.

SEFFNER, Fernando; SOARES, Guiomar Freitas; FERREIRA, Marcia Ondina Vieira; CAETANO, Marcio; SILVA, Méri Rosane Santos; SOUZA, Nádia Geisa Silveira; RIBEIRO, Paula Regina Costa; GOELINER, Silvana Vilodre; SANTIN, Silvino. **Corpo, gênero e sexualidade**: problematizando práticas educativas e culturais. Rio Grande: Ed. da FURG, 2006. Disponível em: <https://seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/images/documentos/2-Seminrio.pdf> Acesso em: 10 set. 2020.

SILVA, Ediana Lacerda de Souza da. O futsal no contexto escolar e os mecanismos necessários para sua a prática no ensino fundamental primeiro ciclo da Escola Marechal Rondon. 2012. 46 f., il. Monografia (Licenciatura em Educação Física) — Universidade de Brasília, Porto Velho-RO, 2012.

SILVEIRA, Raquel; STIGGER, Marco Paulo. **Esporte e Homossexualidade no Futsal Feminino**: Um estudo etnográfico. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, 2008.

SOUZA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e Meninas: expectativas corporais e implicações na Educação Física escolar. **Cadernos Cedes**, n. 48, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a04.pdf>
Acesso em: 01 set. 2020.

SOUZA, Marinês Matter. **Futsal Também É Coisa De Mulher**: Por que será que elas o praticam?. 2011. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física. Porto Alegre, RS, 2011.

VOSER, Rogério da Cunha; GIUSTI, João Gilberto. **O futsal e a escola: uma perspectiva pedagógica**. Porto Alegre, Artmed, 2002.

WALTER, Márcia Regina. Psicologia: Seu papel no meio esportivo. In: NASCIMENTO, Sérgio (Org.). **A Educação Física e suas amplitudes**. 2ª ed. Curitiba: Editora I. Scherer, 2005

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) Senhor(a)

Gostaríamos de convidá-lo a participar de nosso estudo, A INFLUÊNCIA DO SEXISMO NA PRÁTICA DE FUTSAL: O FUTSAL FEMININO NO AMBIENTE ESCOLAR.

A pesquisa, utilizando a metodologia pesquisa de campo de natureza qualitativa, consistirá na realização de entrevista junto aos participantes do estudo e posterior análise dos dados. Trata-se de uma Monografia de conclusão de curso, desenvolvida por Daniele Andrade Felipe, e orientada pela Professora. Dr^a. Rosângela Cely Branco Lindoso, do curso Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco, UFRPE.

A qualquer momento da realização desse estudo qualquer participante/pesquisado ou o estabelecimento envolvido poderá receber os esclarecimentos adicionais que julgar necessários. Qualquer participante selecionado ou selecionada poderá recusar-se a participar ou retirar-se da pesquisa em qualquer fase da mesma, sem nenhum tipo de penalidade, constrangimento ou prejuízo aos mesmos. O sigilo das informações será preservado através de adequada codificação dos instrumentos de coleta de dados. Especificamente, nenhum nome, identificação de pessoas ou de locais interessa a esse estudo. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação serão usados para fins unicamente acadêmico-científicos e apresentados na forma de Tese, ou artigo científico, não sendo utilizados para qualquer fim comercial.

Em caso de concordância com as considerações expostas, solicitamos que assine este “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” no local indicado abaixo. Desde já agradecemos sua colaboração e nos comprometemos com a disponibilização à instituição dos resultados obtidos nesta pesquisa, tornando os acessíveis a todos os participantes.

Acadêmica Daniele Andrade Felipe
Acadêmica do curso de Lic. em Ed. Física UFRPE

Prof^a. Dr^a. Rosângela Cely Branco Lindoso
Orientadora

Eu, _____, assino o termo de consentimento, após esclarecimento e concordância com os objetivos e condições da realização da

pesquisa “Título do seu trabalho”, permitindo, também, que os resultados gerais deste estudo sejam divulgados sem a menção dos nomes dos pesquisados. Qualquer dúvida ou maiores esclarecimentos, entrar em contato com os responsáveis pelo estudo.

ANEXO 1

Tabela 1. Você já praticou futebol, se sim, onde?

	Quantidade de reposta	Quantidade em percentual %
Na rua		
Na escola		
No clube		
Em casa com familiares		

Tabela 2. Na sua escola as atividades de futebol são feita de que forma, você participa?

	Quantidade de reposta	Quantidade em percentual %
Mistas		
Feminina		
Não existe atividades		
Não participo		

Tabela 3. Você já sofreu alguma discriminação por participar do futebol na escola?

	Quantidade de resposta	Quantidade em percentual %
Sim		
Não		
Não existe atividades		
Não participo		

Tabela 4. Deixou de participar de uma aula de futebol por conta de discriminação?

	Quantidade de resposta	Quantidade em percentual %
Sim		
Não		

Tabela 5. Você acredita que existe preconceito com meninas que jogam futebol? Se sim, onde isso é mais perceptivo?

	Quantidade de resposta	Quantidade em percentual %
Sim		

Não
Em casa
Na escola
Dos amigos homens
Das amigas mulheres
Dos professores

Tabela 6. Existe na escola incentivo por parte dos professores para que meninas pratiquem o futebol?

	Quantidade de resposta	Quantidade em percentual %
Sim		
Não		
Não existe atividades		

Tabela 7. Como os meninos se comportam quando o professor propõem atividades mistas no futebol?

	Quantidade de resposta	Quantidade em percentual %
Aceitam tranquilamente		
Se opõem		

Criticam

Você nunca fez ou faz
essa atividade

Tabela 8. Algum professor já falou para você que futebol é coisa para meninos?

	Quantidade de repostas	Quantidade em percentual %
Sim		
Não		

Tabela 9. Já sofreu com discriminação, isso te motivou a continuar ou você parou por conta desse ato?

	Quantidade de repostas	Quantidade em percentual %
Sim		
Não		
Sim, me motivou		
Parei por conta disso		
Nunca sofri discriminação		
Nunca joguei futebol		

Tabela 10. Gostaria de comentar algo que não foi abordado no questionário?

	Quantidade de resposta	Quantidade em percentual %
Sim		
Não		